

# A eloquência dos mapas. Da defesa do território nacional à batalha de Bagdá

Bonerandi E.  
Houssay-Holzschuch M.

Tradução feita por Rui Ribeiro de Campos <profrucampos@yahoo.com.br>, Professor de Geografia Política na PUC-Campinas, do original em Francês: Bonerandi E.; Houssay-Holzschuch M. 2003. *Le eloquence des cartes. De la défense du territoire national à la bataille de Bagdá*. Paris, ENS Éditions, *Revista Mots*. Les discours de la guerre, (73):73-85.

A elaboração de uma campanha militar implica um perfeito conhecimento preliminar do terreno. Uma campanha mal preparada pode levar ao fracasso. Uma ignorância da topografia local, das variações climáticas (contínuas chuvas torrenciais de monção na Ásia do Sudeste, calores insuportáveis a partir da primavera no deserto), e a operação, que devia ser realizada de modo rápido, patina, afunda, ou mesmo recua. Os termos geográficos são inseparáveis do vocabulário belicoso: *terreno, declive, campo, abertura, bloqueio rochoso, crista* etc. Por pouco se declararia a geografia filha mais velha da guerra, para relançar o polêmico autor de “*A geografia, isto serve em primeiro lugar para fazer a guerra*”, obra publicada, em 1976, pelo geógrafo Yves Lacoste.

É, sem dúvida, por meio das relações mantidas entre a representação cartográfica e a guerra que se percebe melhor a “eloquência dos mapas”<sup>1</sup>. Consideramos aqui a guerra em um sentido muito amplo, o que nos reenvia evidentemente aos combates armados no âmbito de um conflito, mas igualmente à segurança dos territórios no quadro de uma defesa passiva e, mais geralmente, ao conhecimento fornecido aos Estados pelos militares e pelos serviços de informação. O mapa deve então ser encarado como uma forma de saber socialmente construído: ele reflete a ideologia e a visão de mundo de seus produtores. É nesse sentido que se pode considerar a contribuição mais importante da Geografia. Em tempos de paz, o mapa contém dados estratégicos para a segurança nacional e pode estar sujeito à censura. Enfim, o mapa serve ao conhecimento e, por conseguinte, também ao controle do espaço: as técnicas geográficas que ele emprega apoiam e promovem as operações militares.

## Os geógrafos e a interpretação dos mapas

A contribuição crítica dos geógrafos se concentrou essencialmente em dois pontos: a análise das

distorções deliberadas do conteúdo dos mapas e uma reflexão sobre a natureza discursiva dos mesmos. Segundo o geógrafo estadunidense Brian Harley, o mapa constitui uma forma construída, por conseguinte manipulada, do saber, retornando à associação entre conhecimento e poder. O mapa pode ser considerado como uma imagem ligada a um contexto histórico específico e carregada de juízos de valor<sup>2</sup>. Ele pode ser comparado a uma forma de linguagem. O discurso cartográfico incide sobre os aspectos de um texto (aqui o mapa) que têm um alcance apreciativo, avaliativo, persuasivo ou retórico, ao contrário daqueles que tratam apenas da denominação, da localização e da narrativa. O discurso penetra tanto nos silêncios (omissões) quanto nos elementos valorizados (deformados).

Mark Monmonier<sup>3</sup> insiste no alcance simbólico dos mapas. Ele compara o seu funcionamento a verdadeiros “ícones” políticos, símbolos do poder, da autoridade e da unidade nacional. É o papel desempenhado pela maioria dos atlas nacionais como mensagem subliminar ou comprovada. As placas consagradas à formação do território nacional são uma ilustração, principalmente nos Estados recém-criados. Basta pensar na Itália e na Alemanha. Naturalmente, os Estados independentes pós-coloniais referem-se ao uso de mapas pelas antigas potências coloniais para justificar suas conquistas territoriais, a exploração econômica e seu imperialismo cultural, lembrando o aforismo de que a caneta é mais poderosa do que a espada. Alguns Estados vão tão longe, que chegam ao ponto de travar uma guerra que poderia ser definida como cartográfica, onde

2 “Pela seletividade do seu conteúdo e pelos seus símbolos e seus estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens” (B. Harley, 1988, “Maps, knowledge and power”, na *The Iconography of Landscape: Essays on the Symbolic Representation, Design and Use of Past Environments*, publicado sob a direção de Denis Cosgrove e Stephen Daniels, Nova York, Cambridge University Press, traduzido para o francês em P. Gould, A. Bailly, [ed.] 1995, *Le pouvoir des cartes – Brian Harley et la cartographie*, Paris, Anthropos).

3 M. Monmonier, 1993, cap. 7: “Les cartes au service de la propagande politique”, p. 133-176.

1 A expressão é emprestada de Carl Sauer, geógrafo cultural estadunidense.

os territórios disputados são representados como acervos por meio da ajuda de uma simples anexação gráfica dentro das fronteiras nacionais. Pode-se citar o exemplo do “Estado” disputado de Jammu e Caxemira, na fronteira da Índia, Paquistão e China: cada país inclui sobre o papel a região nos limites da sua autoridade nacional.

Os geógrafos estudaram amplamente o papel distorcido dos sistemas de projeção (Fig. 1) para aumentar o tamanho e a importância de um país ou, inversamente, para reduzi-lo, para fazê-lo aparecer como ameaça.

Assim, o planisfério desenvolvido a partir da projeção de Mercator, estabelecido no século XVI, foi utilizado ao mesmo tempo para adular o Império Britânico, colocado no centro do mundo, para valorizar as democracias industriais do hemisfério norte e para delimitar a ameaça comunista da China e da URSS, coloridas em vermelho vivo. A essa projeção amplamente difundida, respondeu, no início dos anos 1970, a de Peters, que estabelecia a igualdade de superfície e que foi adotada pela UNESCO. Mas, à escala mundial, parece que se afasta do tema...

A Alemanha nazista fornecia um exemplo de escolha deliberada por um Estado que usou largamente de recursos do mapa como instrumento de propaganda a serviço da sua ideologia. Com a ajuda de mapas do semanário *Facts in Review*, publicado em New York pelo “German Library of Information”, de 1939 a 1941, a propaganda nazista se propôs a justificar aos leitores estrangeiros (do outro lado do Atlântico) a necessidade da expansão alemã de modo a obter a manutenção da neutralidade estadunidense. Assim, a cobertura, do número de 08 de dezembro de 1939, ofereceu dois mapas que comparavam a situação na Alemanha em 1914 e 1939, e retornava à questão do cerco. A situação, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, oferecia a visão de uma Alemanha muito distante da sua real expansão territorial. Portanto, mesmo que o Estado nazista ousasse retomar a perda da parte ocidental da Polônia, ele não sinalizava a remilitarização da Renânia, o retorno de Sarre após o plebiscito, assim como o Anschluss da Áustria, ou a anexação dos Sudetos em 1938. A fim de reforçar a demonstração, o mapa define a Itália e a URSS como países com neutralidade benevolente e omite apresentá-los como potências do Eixo.

Igualmente edificante e convincente é esse “Estado dos Impérios”, publicado em fevereiro de 1940 (Fig. 2), que compara os 684.535 km<sup>2</sup> e 87 milhões de habitantes da Alemanha com os 34.500.000 km<sup>2</sup> conquistados pela Inglaterra, ou seja, 26% da superfície

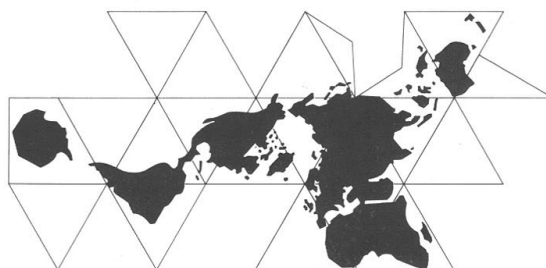
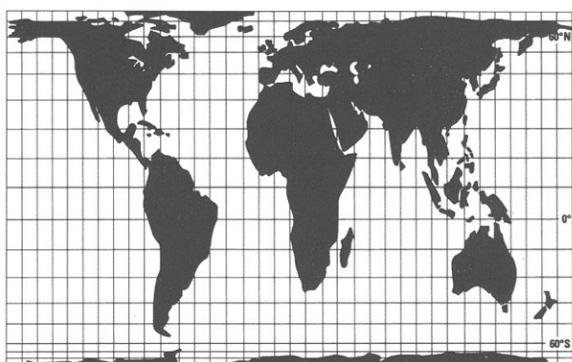
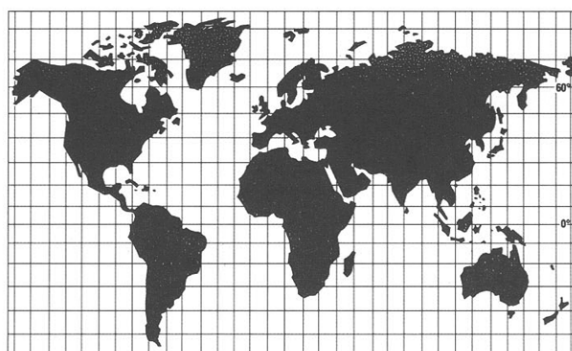


Figura 1. Projeções que alteram a face do mundo (Fonte: Brunet, Dollfus 1994 e R. Brunet, Ferras R., H. Théry 1992). A projeção de Mercator (à esquerda) é uma projeção conforme que preserva os ângulos. Meridianos e paralelos cruzam-se em ângulos retos e estende exageradamente as áreas de latitudes elevadas. A projeção de Peters (à direita) é uma projeção equivalente; ela conserva as superfícies, mas deforma os contornos. A projeção de Fuller (em baixo) dá boas formas e boas proporções, ao preço de uma visão arrebatada do mundo.

das terras emersas do globo para apenas 46 milhões de habitantes. Como a pequena Alemanha poderia ser o agressor? Será que isso não é uma eloquente lição de mapas para legitimar uma guerra mundial?

## Mapa e Segurança Nacional

De acordo com M. Monmonier, o mapa representa uma arma estratégica e tática fundamental.

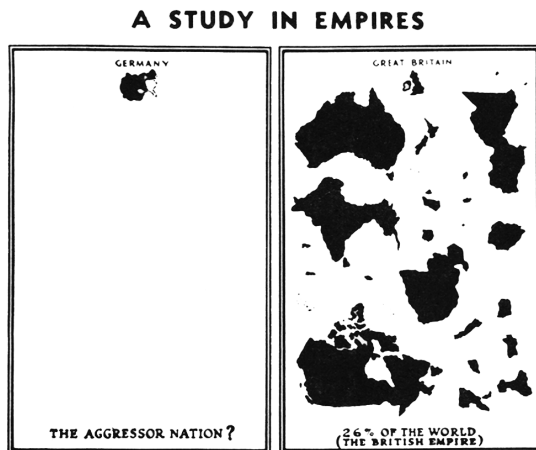


Figura 2. Exemplo da utilização do mapa pela propaganda nazista (Fonte: M. Monmonier, 1993)

Parece, por conseguinte, perfeitamente natural que os governos protejam seus mapas, mas, talvez menos, que eles maquiem as informações geográficas e difundam mapas, por vezes deliberadamente falsificados, podendo o mapa se tornar instrumento de propaganda política. Conforme B. Harley, os governos praticam duas formas de censura: a censura do segredo para servir a defesa militar, e a censura do silêncio para impor ou reforçar os valores nacionais.

Pode-se facilmente imaginar que existe uma necessidade real de segurança cartográfica e que os governos procurem proteger os seus dados. “Ciência dos Príncipes”, a cartografia traz conhecimentos e, portanto, poder, sobre o território. Se o conhecimento passa ao inimigo, torna-se ameaçador, a menos que seja falsificado. Assim, os modelos tridimensionais de cidades fortificadas francesas, estabelecidos pelos generais a pedido de Luís XIV, com o propósito de planificação das batalhas, e apresentados atualmente no museu de “Mapas de Relevo” do Hotel dos Inválidos, foram protegidos como segredos de Estado e classificados como “defesa secreta” até o fim da Segunda Guerra Mundial. A construção da cobertura cartográfica do território francês revela também a cultura do segredo mantida pelas Forças Armadas<sup>4</sup>. Em 1747, a Cassini III foi confiada, por Luís XV, a realização de um mapa ao mesmo tempo “geral” (que abrangia toda a França) e “particular” (já que é 1 / 86 400e, escala reservada para mapas regionais). A administração real precisava dispor de mapas precisos para uma gestão mais rigorosa do seu território. A defesa das costas da Bretanha exigia, notadamente, um planejamento para a sua vigilância. O mapa de Cassini foi feito de acordo com um corte geométrico. A projeção triangular,

defendida pela Academia de Ciências, assegurava um posicionamento rigoroso dos pontos, o exército (a Engenharia) o tornou topográfico, especialmente nas zonas de montanha. Em 1756, confrontado com dificuldades de financiamento, a operação foi privatizada; as semelhanças mantidas sobre o terreno entre os engenheiros de Cassini e o Exército tornaram-se difíceis. A desconfiança, hostilidade mesmo, dos militares ficou ainda maior quando se tratava das regiões de fronteira. Assim, sobre mapas de Dauphine e Provença, realizados na década de 1770, o major de engenharia Darçon escreveu:

[...] o que importa muito é que as cadeias de montanhas, que não apresentam senão passagens determinadas sobre uma fronteira erizada de obstáculos, podem realmente ser um lugar de fortificações, é essencial não indicar nem o que é forte nem o que é fraco ao inimigo, e é de extrema importância para não tornar o conhecimento benéfico senão para nós. O privilégio atribuído aos engenheiros de M. de Cassini deveria excluir as partes de fronteiras das quais seria importante reservar o conhecimento... Seu mapa será bom ou ruim. Se for bom, será necessário proibir [...].

Confiscados e nacionalizados durante a Revolução, os mapas de Cassini foram, a partir de 1793, armazenados no depósito da Guerra, do qual dependem os engenheiros geógrafos militares. O período revolucionário assistiu à realização do mapa de Cassini. Dois tipos de usuários se viram frente a isso: por um lado, a nova administração, por outro, os militares. Estes asseguravam a atualização das vias de comunicação, mas, até 1815, evitavam a divulgação em nome da segurança nacional. Em 1817 foi formada a comissão encarregada “de examinar o projeto de um novo mapa topográfico geral da França, adequado para todos os serviços públicos, e combinado com o cadastro geral”. Essas novas folhas em 1/80 000e, publicadas de 1832 a 1880, elaboradas pelo Serviço Geográfico do Exército, levaram então o nome de Mapas do Estado-Maior. O decreto, de 27 de junho de 1940, suprimiu esse serviço e criou o Instituto Geográfico Nacional, uma proposta do marechal de França, presidente do Conselho, e dos ministros, entre outros, da defesa nacional e da guerra.

Em termos de falsificação voluntária, os mapas soviéticos representam exemplos amplamente conhecidos. No final dos anos 1930, os serviços cartográficos passaram para o controle do NKVD, que procurava sistematicamente alterar a forma e a posição dos povoados, das zonas costeiras, dos rios,

4 Veja Pelletier, (1990).

das infraestruturas de transporte, das edificações e das fronteiras, nos Atlas destinados ao uso público. O objetivo era o de enganar os potenciais adversários no estabelecimento de mapas para a orientação dos “mísseis de cruzeiro”. As deformações conheceram o seu auge em meados da década de 1960, quando os Estados Unidos começaram a estender uma cobertura de satélites espíões. Atormentados pela síndrome do ataque, os soviéticos publicaram mapas turísticos de zonas urbanas sem escala, sem os principais eixos de circulação, chegando até a omitir a presença maciça da sede da KGB na Praça Djerzinsky. É evidente que a falsificação era, em grande parte, obsoleta, em razão das melhorias dos sistemas de análise numérica de imagens e a flexibilidade de trajetória dos satélites militares que ofereciam resoluções que permitiam ler até o número de registro de veículos.

A partir dos anos 1970, os governos têm em conta os avanços tecnológicos. Os arquivos passam a estar informatizados e armazenados em mapas eletrônicos, mas como eles são vulneráveis aos piratas da informática, por vírus ou por radiação eletromagnética, ainda se usa o recurso de cópias de salvaguarda em papel.

Por último, não deve ser considerada a censura do silêncio como um fato exclusivo de regimes ditatoriais. O uso é comum na maior parte das democracias ocidentais. Assim, o *Ordnance Survey*, serviço cartográfico nacional inglês, preparou uma lista de sites “sensíveis” omitidos ou maquiados sobre os mapas e as fotografias aéreas, as cartas gregas apresentavam áreas completamente em branco no Épiro, na fronteira sensível entre a Grécia e a Albânia, assim como o Instituto Geográfico Nacional do nosso país (França) recobriu os principais sítios nucleares com uma vela branca muito significativa.

## Conhecer o terreno: técnicas geográficas e operações militares

Os geógrafos não possuem o monopólio da representação cartográfica, longe disso. Bem antes do desenvolvimento das novas tecnologias, os militares já estavam na vanguarda do mapeamento dos territórios nacionais: basta apenas pensar nas cartas do Estado Maior realizadas na França a partir de 1832. Inegavelmente, os militares possuem um domínio técnico que lhes garante um bom conhecimento do terreno. O mapa constitui uma engrenagem fundamental na infraestrutura técnica do exército sobre o

terreno. Podem-se definir dois tipos de cartas adequadas para uso militar em um contexto de conflito armado: o mapa de conhecimento do terreno (saber topográfico bruto dos mapas) e o mapa de avanços das tropas (de batalha).

Naturalmente essas cartas, por causa de seu uso militar e de suas funções defensivas ou ofensivas, são mantidas em segredo. Conhecer o plano de utilização das tropas em Paris, no caso de insurreição, é, naturalmente, algo condenado ao fracasso, mesmo que muitos civis estejam cientes de que este tipo de documento exista. Assim, no que diz respeito à França, o pesquisador pode consultar mapas militares do Serviço Histórico dos Exércitos de Vincennes, uma vez que os arquivos estão abertos e acessíveis. Se o prazo comum de consulta dos arquivos públicos é de trinta anos, a contar da data do ato ou da data de encerramento do processo, diversos documentos estão sujeitos a prazos especiais (60, 100, 120 ou 150 anos), fator que os torna inacessíveis.

No entanto, a sociedade da informação dá regularmente conta de conflitos armados. Para isso, os meios de comunicação social estão utilizando mapas que se assemelham extraordinariamente aos mapas militares, quer se trate de mapas de conhecimento de terreno ou de mapas de progresso das tropas e de combates, e em uma preocupação que se poderia qualificar de realismo e de instantaneidade, mas também de divulgação de uma informação (re)construída com um objetivo altamente persuasivo. Quando o conflito coloca em cena as tropas nacionais, o desafio político é evidente e os meios de comunicação social do país em causa apresentam um ponto de vista partidário, retransmitindo ou denunciando as informações fornecidas pelos serviços de imprensa dos exércitos. Na maior parte do tempo, o leitor crítico não pode acessar a fonte original do mapa.

A guerra iniciada sobre o terreno iraquiano pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha, em 20 de março de 2003, oferece uma coletânea de representações cartográficas. Quais mídias não difundiram os mapas de avanço das tropas para apoiar seu discurso, quer se tratasse da fulgurante corrida no deserto dos primeiros dias<sup>5</sup>, da dúvida da segunda semana ou da “última” batalha de Bagdá? Desde os primeiros ataques, os sites da Internet, dos mesmos meios de comunicação, forneceram mapas interativos para dar a impressão ao leitor de acompanhar a batalha em tempo real, ao lado dos soldados (GI's). Pode-se, a partir destes documentos, entregar-se a uma análise

5 Às vezes comparado a um “Paris-Dacar Dois”.

bastante edificante do discurso performativo<sup>6(\*\*\*)</sup> colocado pelos chefes do Estado Maior da coalizão, e amplamente retransmitido pelos meios de comunicação do outro lado do Atlântico, mas também por europeus e franceses<sup>7</sup>. Estamos interessados em mapas difundidos por dois meios de comunicação estadunidense de grande circulação: um de imprensa (USA Today, diário popular comparável ao Parisien) e outro de televisão (CNN)<sup>8</sup>. Esse exemplo mostra a dificuldade para conhecer a origem dos mapas difundidos, tanto para a CNN quanto para USA Today. Não se pode saber se os mapas em linha são aqueles concebidos diretamente pelos jornalistas, ou se são mapas militares fornecidos aos jornais por ocasião da conferência de imprensa, ou mesmo mapas produzidos a partir de informações fornecidas pelos serviços secretos dos países em causa. Nenhuma nota explicativa é fornecida com o documento que aparece na tela. A ética jornalística garante a ela somente a informação transmitida. Para o pesquisador, um paradoxo aparece entre o realismo desejado dos mapas e a opacidade das fontes.

O portal eletrônico da cadeia CNN propõe uma série de mapas de situação que se pode classificar como mapas do conhecimento do terreno. Encontra-se, em primeira linha, o mapa do terreno iraquiano (Fig. 3), mapa de estilo clássico que apresenta o relevo da região, a rede hidrográfica e as principais cidades sobre um fundo de mapa político (representando as fronteiras nacionais). O mapa é acompanhado pelo seguinte comentário:

Iraque, com 168.927 milhas quadradas (437.521 quilômetros quadrados), é ligeiramente maior do que a Califórnia. O país é, na maior parte, constituído de amplas planícies desérticas, mas tem pântanos de juncos e grandes áreas inundadas ao longo da fronteira sul com o Irã. Uma cadeia de montanhas se eleva ao longo da fronteira norte com o Irã e a Turquia. Tem 36 milhas de litoral<sup>9</sup>.

6 (\*\*\*) Original: "discours performatif"; não se encontrou este termo em dicionário de francês ou de inglês. O dicionário Michaelis, de Português, cita o seguinte sobre performativo: "adj (ingl performa(nce)+t+ivo) Ling. Diz-se de um enunciado que se dá ao mesmo tempo em que a ação por ele apresentada". (N. do T.)

7 É muito difícil estabelecer uma distinção nacional clara entre as mídias, no que diz respeito aos mapas, incluindo os do progresso das tropas da coalizão, pois são semelhantes em ambos os lados do Atlântico. Mesmo que a demonstração se apoie sobre a utilização de mapas elaborados pela mídia estadunidense, não se pode realmente distinguir no discurso cartográfico um campo de paz de um campo de guerra nos jornais diários e semanários.

8 <http://www.usatoday.com/news/world/iraq/front.htm#>; <http://www.cnn.com/SPE/CIALS/2003/iraq/maps/>

9 "Iraq, at 168,927 square miles (437,521 square kilometers), is slightly larger than California. The land is mostly broad desert plains but has reedy marshes and large flooded areas along the southern border with

Na página eletrônica, dedicada aos mapas, pode-se ter acesso aos seguintes mapas em escala nacional: população dividida entre sunitas e xiitas, campos de petróleo e palácios de Saddam Hussein, bem como um "mapa regional" em menor escala, centrado no Iraque e que se estende da Grécia ao Turcomenistão e à Arábia Saudita. Pode-se definir esses mapas como de enquadramento. O encobrimento do enquadramento<sup>10(\*\*\*\*)</sup> propõe igualmente mapas que mostram as principais forças militares no local (bases militares, da coalizão e iraquianas, por armas) bem como os locais de depósito de armas (químicas, biológicas e nucleares) e um mapa regional que indica o alcance dos mísseis iraquianos (Fig. 4). Dois símbolos são utilizados: o triângulo para localizar os principais sítios e o círculo para o alcance dos mísseis. Esses últimos mapas fazem mais precisamente referência a um conflito armado potencial, apresentando o arsenal iraquiano<sup>11</sup>, mas permanecem os mapas de localização, recordando mais a missão de desarmamento confiada aos inspetores da ONU, no âmbito de uma resolução pacífica do conflito.

Os mapas propostos por USA Today (*Interactive war maps*) colocam-se em outro registro (Figs. 5 a 8, intercaladas no texto). O jornal define-os como "mapas interativos de guerra" (*Interactive war maps*), quando a CNN falava apenas de "mapas" (*maps*). O azul profundo (intenso)<sup>12</sup> tem apenas pouco a ver com a realidade de um terreno desértico quente. Trata-se da cor de referência da revista, que lembra a da bandeira nacional. O sítio eletrônico oferece uma série de mapas elaborados diariamente para acompanhar a progressão do conflito. Estes mapas não são realmente nada interativos, no sentido de que não permitem, em caso algum, estabelecer um modo de conversação. Eles são fornecidos como realmente são, são telecarregáveis, mas não permitem gravação e não são passíveis de alteração. O sítio abre sobre o mapa do dia e oferece outros previamente arquivados. Trata-se, inegavelmente, de mapas de avanço das tropas em uma visão *performativa*.

Da leitura geográfica desses mapas surgem vários elementos de análise. Se se segue o desenrolar diário, nota-se um efeito voluntário de zoom sobre a capital

*Iran. Mountains rise along the northern borders with Iran and Turkey. It has 36 miles of coastline."*

10 (\*\*\*\*) Original: "Le bandeau de défilement"; como bandeau significa um tipo de "venda" que impede a visão, traduziu-se como o encobrimento do enquadramento. (N. do T.)

11 Lembrem que a mídia e o governo dos EUA difundiram amplamente a ideia de que o Iraque possuía o "quarto exército no mundo", durante a primeira Guerra do Golfo em 1991.

12 N. Editor: Azul, na versão original; cinza escuro na versão em preto e branco da revista.

iraquiana, Bagdá, como a cidadela a ser tomada a partir do primeiro dia da ofensiva (Fig. 5). Fala-se, então, apenas dos ataques de mísseis Tomahawk lançados do mar Vermelho (a sudoeste) e do Golfo Pérsico (a sudeste) e “derretendo” sobre Bagdá. O mapa é simplificado ao extremo para reforçar a impressão de eficácia dos ataques “cirúrgicos”. A delimitação das áreas de interdição de sobrevoado aéreo cria um efeito de encolhimento do território iraquiano. Nem escala, nem legenda para precisar o que significam os três pontos vermelhos como alvo, nem a distinção entre setas vermelhas e linhas pretas. Prevê-se então um ataque relâmpago. A partir do quinto dia, dois mapas são propostos, dividindo o país em duas sub-regiões (Norte e Sul). Esse processo corresponde à entrada em cena do problema curdo e da recusa da Turquia em abrir as suas fronteiras. Os mapas centrados sobre o Sul (Fig. 6) oferecem então, durante vários dias, a visão de um exército avançando rapidamente sobre o terreno. O aparecimento de uma escala gráfica reforça a impressão. A partir do décimo quarto dia de combate, um novo mapa aparece centrado sobre a região de Bagdá (Fig. 7). Dois dias depois, a partir da tomada do aeroporto internacional a oeste da aglomeração, o mapa entra na cidade ao mesmo tempo em que os tanques Abraham (Fig. 8).

Por meio dos quatro mapas selecionados, pode-se efetuar um exercício de semiologia gráfica. As cores primárias utilizadas acentuam o vigor do ataque. Azul, vermelho, branco, as cores da *Star & Stripes*. Os elementos de enquadramento físico são reduzidos à porção adequada: nenhuma indicação de relevo, Tigre e Eufrates no fundo. A rede de estradas de Bagdá figura em fundo acinzentado, largamente mascarada pela tomada tenaz da capital e as marcas pontuais sobre os emblemas do poder iraquiano (Fig. 8). As manobras militares diminuem em pontos e flechas. A seta, seguidamente ao feixe de setas vermelhas, simboliza o progresso das forças terrestres que se propagam no deserto, a partir do desembarque em Oum Ksar. Esse desdobramento tentacular pode ser compreendido como um símbolo da superioridade numérica das forças de coalizão. Os pontos representam as cidades tomadas ou as passagens estratégicas controladas (ponte sobre o rio Eufrates, por exemplo). Mas as cidades permanecem na condição de pontos. Assiste-se a uma geometrização do real, por lá mesmo desumanizado, a uma funcionalização do espaço. O mapa contém um jogo de peões (*jeu de pions*), virando voluntariamente as costas para a complexidade histórica da região.

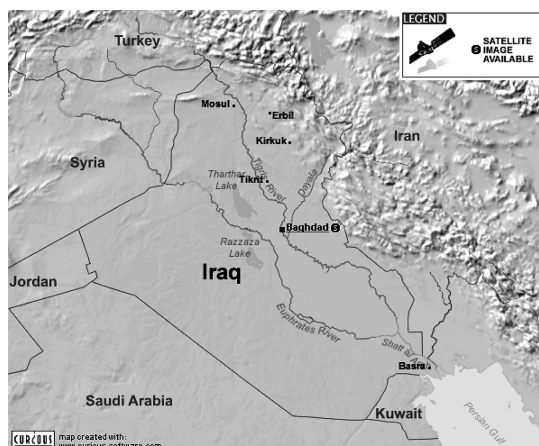


Figura 3. O terreno iraquiano visto pela CNN, abril de 2003

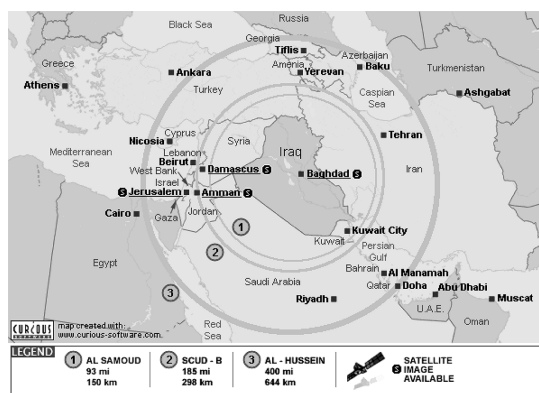


Figura 4. Um mapa estratégico? O alcance dos mísseis iraquianos (fonte: CNN, abril de 2003) “During the Persian Gulf War, Iraqi forces fired Scud missiles into Saudi Arabia and Israel in an effort to disrupt the U.S.-led coalition. After the war, the U.N. limited the Iraqi missiles’ range to 93 miles (150 km). In February 2003, U.N. inspectors said some missile systems exceeded that limit, a charge Iraq downplayed». (Tradução: “Durante a Guerra do Golfo, as forças iraquianas enviaram mísseis Scud sobre a Arábia Saudita e sobre Israel, com o objetivo de quebrar a coalizão liderada pelos EUA. Depois da guerra, a ONU limitou o alcance dos mísseis iraquianos em 93 milhas (150 km). Em fevereiro de 2003, os inspetores da ONU assinalaram que o sistema de certos mísseis excedia este alcance, uma acusação que o Iraque minimizou”.)

Não se procura saber se a tomada é efetiva, ainda menos se a área é protegida. Simples balizas ou semáforos sobre a estrada para Bagdá... o que demonstra uma resistência a partir do sétimo dia (Fig. 6). A cor alaranjada usada para representar a resistência deixa prever uma contraofensiva bem pouco vigorosa. O mapa da região de Bagdá, no décimo quarto dia de combates (Fig. 7), nos remete a uma representação clássica dos mapas de campos de batalha dos quais se conta por pequenas bandeiras a localização dos exércitos, como o jogo de soldados de chumbo da nossa

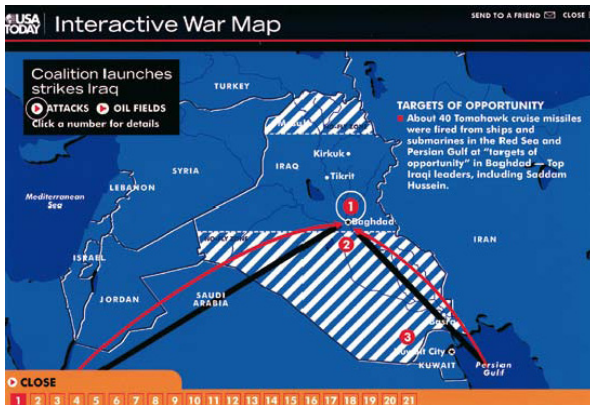


Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8

infância. Se se olha no detalhe, nota-se que muitas cidades permanecem nas mãos do exército iraquiano em retirada, frente ao avanço das tropas aliadas; mas isso é outra história... A vitória será em Bagdá. Na encenação (*mise en scène*) final da Batalha de Bagdá (Fig. 8), que retoma o esquema clássico da batalha urbana (Stalingrado, Argel, Sarajevo,...), os círculos concêntricos reforçam o efeito do alvo, o centro nevrálgico é atingido, as forças terrestres “caem” sobre a cidade. É revelador que apenas um bairro seja assinalado, aquele de Saddam City, a nordeste da cidade, como se a cidade fosse semelhante, de modo bem caricatural, a seu ditador. O dia seguinte, vigésimo primeiro dia de combates, toda presença do exército iraquiano desapareceu da capital, uma dezena de bandeiras estadunidenses flutuava sobre o mapa, ignorando os combates de rua.

Inútil aqui lembrar a força persuasiva do mapa. Ele constitui um formidável instrumento de comunicação, ou mesmo de propaganda, nas relações mantidas entre os Estados Maiores e os meios de comunicação social. Mas é preciso precaver-se do reverso cínico que o mapa oferece a seu leitor e a seu usuário: uma visão desencarnada da guerra, como lembra corretamente B. Harley:

O saber cartográfico permite a condução da guerra por meio de um controle à distância, de tal modo que seja mais fácil encarar as destruições. Não somente os mapas militares facilitam a condução técnica da guerra, mas atenuam o sentimento de culpa que faz nascer esta conduta: as linhas silenciosas da paisagem de papel favorecem a ideia de um espaço socialmente vazio<sup>13</sup>.

## Referências

- Brunet R. 1987. *La carte mode d'emploi*. Paris, Fayard-Reclus. 269 p.
- Brunet R. Dollfus O. 1994. *Mondes nouveaux*. t. 1 de la *Géographie universelle*. Paris, Belin-Reclus. 551p.
- Brunet R. Ferras R. Thery H. 1992. *Les mots de la géographie. Dictionnaire critique*. Paris, Reclus. La Documentation française. 470p.
- Gould P. Bailly A. (éd.). 1995. *Le pouvoir des cartes – Brian Harley et la cartographie*. Paris, Anthropos. 120p.
- Lacoste Y. 1976. *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Paris, Maspéro. 187p.
- Monmonier M. 1993. *Comment faire mentir les cartes - Du mauvais usage de la géographie*. Paris, Flammarion. 233p.
- Pelletier M. 1990. *La carte de Cassini – L'extraordinaire aventure de la carte de France*. Paris, Presses de l'École nationale des Ponts et Chaussées. 263p.

13 B. Harley, op. cit., p. 29